

## HISTÓRIA

Caricaturista

● **Historiador reúne documentos inéditos sobre o tesouro dos jesuítas, uma das mais antigas lendas urbanas do Rio.**

# Tesouro carioca

Buscas por riquezas escondidas pelos jesuítas no antigo Morro do Castelo alimentaram mais de um século de lendas urbanas

---

Roberta Jansen

---

**D**urante mais de um século uma história fantástica alimentou o imaginário da cidade, mobilizando os mais importantes escritores da época, historiadores, autoridades e, sobretudo, muita gente comum munida de pás, picaretas e o sonho de ficar rico: a busca ao tesouro dos jesuítas nos subterrâneos do Centro do Rio. O que hoje pode soar fantasioso, entre a segunda metade do século XVIII e o início do XX fazia sentido, como revela o livro "Tesouros do Morro do Castelo" (Ed. Zahar), em que o historiador Carlos Kessel recupera as origens da crença.

Os religiosos mantinham sua sede administrativa, sua igreja e seu colégio no Morro do Castelo, uma colina em pleno centro do Rio onde havia ainda uma fortaleza e um observatório. Os padres eram conhecidos por

sua capacidade de acumular riquezas, quando tiveram que deixar a cidade às carreiras ao serem expulsos por ordem do governo português, em 1759. Não demorou muito para que começasse a correr o boato de que, na pressa da fuga, a opulenta ordem tivesse deixado para trás parte de suas riquezas. E a idéia de que o tesouro estivesse em galerias subterrâneas sob o morro ganhou corpo.

"Não surpreende que a conjectura não se limitasse à gente crédula ou ignorante", escreve Kessel em seu livro, que chega às livrarias no próximo dia 29. "Engenheiros, homens de letras, advogados e médicos acreditavam na presença de arcas e estátuas de ouro, discorriam sobre sua localização, desenhavam mapas, analisavam a autenticidade de antigos manuscritos e requeriam concessões para escavar o morro, deixando por toda parte — em arquivos, bibliotecas e

anais parlamentares — um rico conjunto de documentos.”

Foi pesquisando esses documentos que Kessel resgatou a história dos tesouros jesuítas para elaborar o seu livro. E alguns dos documentos são bem explícitos ao citar as riquezas dos jesuítas. Numa ata que teria sido lavrada em 5 de dezembro de 1758, ou seja, pouco antes da expulsão, são listados como de propriedade dos jesuítas nada menos que 3 mil arrobas de ouro em pó, uma imagem de Santo Ignácio de Loyola com mais 220 arrobas de ouro, 23 toneladas de moedas de ouro e diversos diamantes.

O documento explicitava ainda que o tesouro estava em cofres transferidos para as galerias subterâneas. Como nada desse ouro apareceu no momento da saída dos jesuítas, a despeito dos esforços das autoridades da época, parecia claro que o tesouro havia sido escondido.

— Desconfio que essa ata era parte de um elaborado conto do vigário — afirma Kessel. — Não sei se é verdadeira ou não, mas foi ao encontro da idéia de que eles não tiveram tempo de tirar todo o tesouro na fuga.

As referências às galerias subterâneas ocorrem em outros documentos. Elas remontariam a 1600, quando a cidade temia por invasões estrangeiras. Como mostram alguns mapas, elas se cruzariam sob o Colégio dos Jesuítas, ligando-o ao anti-

go embarcadouro, na altura da atual Praça XV, à rua da Quitanda, à Cinelândia e à Santa Luzia.

— Acho que era uma história muito bem embasada — acredita Kessel. — Os jesuítas eram realmente muito ricos e acumularam uma grande riqueza numa época

em que não havia banco. Havia a crença de que isso estava enterrado no local onde tinham sua igreja, seu colégio, sua sede administrativa, o que faz todo o sentido. E os túneis realmente existiam. Se juntarmos todas essas coisas, só fica faltando mesmo o tesouro porque

o resto realmente estava lá.

Entre a documentação reunida por Kessel, estão numerosos pedidos de autorização ao governo para escavar a região. O historiador encontrou também denúncias de escavações clandestinas na área, comprovando que as buscas pros-

seguiram 100 anos depois da saída dos religiosos. Como nenhum tesouro foi achado, começou-se a achar que, de fato, tudo não passaria de uma bem urdida lenda.

Ocorre que em 26 de abril de 1905, no início das obras de abertura da Avenida Central (atual Rio Branco), a história volta a ganhar força, com um fato mais do que concreto: a revelação das galerias subterrâneas. Nos dias que se seguiram à descoberta, autoridades e alguns jornalistas percorreram as galerias, revelando que, de fato, elas ligavam pontos importantes do Centro da cidade. Ao fim dessa exploração, engenheiros acharam um crucifixo de ouro e um candelero de ferro, além de alguns instrumentos de suplício. E foi tudo.

## Sem interesse na preservação

• Surpreende que autoridades não tenham demonstrado interesse em fazer buscas mais acuradas ou, ao menos, em preservar os subterrâneos. De fato, a idéia de remoção completa do Morro do Castelo já era popular na época de D. João e, desde então, recorrente. Médicos e engenheiros defendiam a tese de que o morro impedia a circulação do ar, promovendo um ambiente insalubre na cidade.

— Na época em que descobriram os túneis, no governo de Pereira Passos, acho que ninguém queria encontrar nada que fosse atrapalhar a derrubada do morro — avalia Kessel. — Então, no início, aquilo chegou a ser explorado, mas sem muito interesse em preservar. Achava-se que a preocupação com o patrimônio resultaria em entrave para as obras.

Nos anos seguintes finalmente bateu-se o martelo pela derrubada do morro — que sumiria do mapa no início dos anos 20, na prefeitura de Carlos Sampaio.

— Aí mesmo é que não havia interesse em preservar nada — afirma Kessel. — Veja, fizeram questão de arrasar com um lugar que era o berço da cidade, onde havia uma igreja do século XVI. Não fosse por isso, ainda teríamos uma espécie de Alfama no Rio. Faltou por alguns anos a consciência conservacionista que só viria a partir dos anos 30.

Resta saber se sob as ruas que formam hoje alguns dos mais movimentados pontos do Centro do Rio reside ainda algo do valioso tesouro dos jesuítas. ■



## A DERRUBADA

do Morro do Castelo. A foto integra a exposição "Familia Ferrez: novas revelações" em exibição no Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB) até o dia 27 deste mês. A mostra reúne imagens de Julio, Luciano e Gilberto Ferrez — filhos e neto, respectivamente, do fotógrafo Marc Ferrez

# A literatura e o mito

## Inspiração para Machado de Assis

• A crença no tesouro dos jesuítas não foi alimentada apenas pela ingenuidade de incautos e letrados. Como mostra o historiador Carlos Kessel em seu livro "Tesouros do Morro do Castelo" havia indícios significativos — como mapas, documentos e mesmo a descoberta de alguns objetos — que embasavam a idéia de que os jesuítas teriam, de fato, deixado para trás parte de sua riqueza ao deixar o país. Tanto era assim que importantes escritores, como Machado de Assis e Lima Barreto, foram inspirados pela busca.

Atento observador da vida carioca, Machado de Assis cita, em várias de suas obras, o Morro do Castelo e também a busca ao tesouro. Na crônica "Conversa com São Pedro", apenas para citar um exemplo, Machado coloca nas reminiscências de um de seus personagens: "As grandes riquezas deixadas no Castelo pelos jesuítas foram uma das minhas crenças da meninice e da mocidade...Perdi saúde, ilusões, amigos e até dinheiro; mas a crença nos tesouros do Castelo não a perdi."

Lima Barreto foi além. Um dos pioneiros na defesa do patrimônio, o escritor era apaixonado pelas lendas sobre os tesouros dos jesuítas. Quando as galerias subterrâneas foram encontradas, em 1905, ele assinou diversos textos no "Correio da Manhã" sobre o assunto, posteriormente reunidos no livro "O subterrâneo do Morro do Castelo".

Arquivo



**MACHADO DE ASSIS:**

Referências ao Morro do Castelo e à busca ao tesouro são comuns nas obras



**LIMA BARRETO:**

Escritor assinou textos no "Correio da Manhã" sobre o assunto

Arquivo